

Mitohermenêutica de professoras na interculturalidade Brasil-Peru

Janina M. Sanchez*

Resumo: Trata-se de análise cultural mitohermenêutica da antropologia da educação no Brasil e no Peru. Buscando a simbologia do feminino na antropologia da educação contemporânea, encontrei nas *Amazonas*, igual resistência a mudanças, pela própria condição do ressentimento e pela ontologia concedida a atribuições culturais.

Palavras-chave: Análise cultural. Mitohermenêutica. Feminino. Professoras. Resistência.

Abstract: This is about a cultural mythermeneutical analysis of the anthropology of education in Peru and Brazil. Searching for the symbolic significance of the feminine in the anthropology of contemporary education I found in the *Amazones* the same resistance to changes due to the condition of resentment and by the ontology given to cultural assignments.

Keywords: Cultural analysis. Mythermeneutics. Feminine. Teachers. Resistance.

*Pós-Doutorado em Filosofia da Educação, pela FE-USP (2010), Doutorado em Educação: currículo pela PUC-SÃO PAULO (2006), Mestrado em Educação: linguagens/formação de professores pela FE-USP (2003), Formação em Comunicação Social pela FACHA-RJ (1989). Vinculação: MACS - Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba, São Paulo, Responsável pelo Projeto Educacional. E-mail: janinasanches@gmail.com.

¹ Em nível de Pós-Doutorado, na Faculdade de Educação da USP, Departamento de Administração Escolar, com patrocínio da FAPESP, de 2009 a 2010, sob título: “Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú”, com supervisão do Prof. Marcos Ferreira-Santos.

² Segundo Jung, 2010. *Los arquetipos y lo inconsciente colectivo*. Madrid: Ed. Trotta, 2010, p.76: arquetipos são imagens primordiais, inerentes ao inconsciente da espécie humana e manifestações dos instintos.

³ Idéia de Jung em sua obra *O homem e seus símbolos*. Rio: Nova Fronteira, 1987, o *animus* é a energia que se convencionou chamar “masculina” (força, empreendedorismo, ação), na mulher.

⁴ *Feminino* nesta pesquisa tem a conotação de gênero, uma construção social, cultural e política. SANCHES, Janina (2010). *Contact and resentment are challenges to education enhancement*. Zurich: Szondiana Zeitschrift für Schicksalsanalyse und Beiträge zur Tiefenpsychologie, 2010.

⁵ Com base em Szondi Lipot (1970). *Tratado del Diagnostico Experimental de los Instintos*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva (p.21): instintos são energias dos genes que produzem ações e formas de reações. Cada instinto tem apenas uma finalidade – consciente ou inconsciente: satisfazer a si mesma. Contemporâneo

1. INTRODUÇÃO

Visando uma antropologia complexa e contribuir com o debate sobre as condições presentes na educação no Brasil e no Perú, desenvolvi pesquisa¹ sobre mulheres-professoras, buscando encontrar as possibilidades que se manifestam nas relações interculturais e como se dirigem ao êxito. Recorri às histórias de vida, observei como são vividos os arquetipos², estudei a relação mulher/*animus*³ - feminino⁴ com o passado mantido sob o manto do patriarcado e como se articulam agora com a dinâmica dos instintos⁵ a partir das escolhas feitas, a realidade cotidiana e as perspectivas de futuro.

Desde a década de 90, ampliando formas de contato e cooperação com os países vizinhos, ex-colônia como ele, o Brasil vem tentando superar o distanciamento de muitos séculos. O desenvolvimento do mega-projeto da Estrada Transoceânica, visando o mercado peruano, o asiático e em especial o da China, tem sido tema de governos e instituições, criando nova área de controle de fronteiras, estimulando o movimento de mercadorias, o turismo, aumentando a circulação de pessoas, afetando populações e a educação.

A escolha da metodologia mitohermenêutica para a análise de culturas deveu-se à necessidade de filosofar pelas possibilidades de reflexão que ela oferece em seus procedimentos, pois etimologicamente *mytho* vem do grego *mithós* significando aquilo que se relata na dinâmica de imagens e símbolos que emergem a partir de ações humanas. Segundo Campbell⁶ como imagem primordial, a forma simbólica do mito permite compreender pelas palavras e os contextos selecionados, as ações- reflexões ali expostas e como expressam um sonho coletivo.

Esta metodologia para a análise de culturas foi proposta por Gilbert Durand⁷. O importante para ele é reconhecer que aspectos das imagens produzidas pelo ser humano na vida individual e coletiva, são motivados por costumes e pressões sociais, mais que pela fisiologia e os mitos são narrativas na qual os símbolos se resolvem em palavras e arquetipos em idéias.

Durand criou Estruturas Antropológicas do Imaginário, uma arquetipologia geral que organiza as imagens em *Regimes* e estruturas míticas. As do Regime Diurno resultam da angústia do ser humano frente ao medo que produzem a morte e o tempo. São imagens do puro, o claro, o elevado, separar, subir. Incluem-se as expressões ocidentais do aristotelismo, cartesianismo, racionalismo, pragmatismo, positivismo, o discurso científico clássico representado pelo deus Prometeu sendo seus símbolos os espelhos enganadores, dragões, leões, espada, escada, montanha, raio, aves, o cetro.

Imagens do Regime Noturno tem figuras maternas ligadas à resistência da terra (Mãe Terra), assim como à profundidade absorvente aquática (Deusa das Águas) e às forças da lua, representações simbólicas da inversão e intimidade, confundindo o ativo/passivo, possuir/ser possuído, representados também pelo deus Dionísio, o deus da vegetação, vinho, transformações, êxtase. A estas estruturas antropológicas do imaginário, o pesquisador brasileiro Ferreira-Santos⁸ acrescentou as Imagens do Regime Crepuscular, sendo a representação de integração de sombras, figuras abertas à mobilização e a busca do equilíbrio mítico de sensibilidades, como *práticas crepusculares* adotadas também nesta pesquisa.

Com estes fundamentos busquei compreender como se dão as mediações simbólicas de mulheres-professoras valorizando o repertório cultural do Outro(a) e o seu mesmo, como ocorrem as práticas dialógicas, a profundidade da busca pessoal, a coerência entre práticas e discursos, em culturas diferentes. O que se está criando para viver no futuro e como isso se mostra na sua fala. No contexto espaço-temporal atual de mudanças paradigmáticas, havendo consciências mais democráticas que pelas políticas públicas na América Latina visam garantir a palavra da mulher como sujeito, através da qual ela escreva sobre as escolhas para o seu próprio destino penso que estão em processo ações políticas que não poderiam ficar nos meios técnicos, sem a percepção da pessoa como ser hermenêutico, que interpreta e escolhe, pois vivemos ao mesmo tempo uma nova epistemologia e uma nova psicologia, as quais segundo Santos⁹, enquanto nova epistemologia fecha-se o horizonte de expectativas

de Freud e Jung, Szondi inaugurou a psicologia das necessidades. São: Vetor S, necessidade de corporalidade; Vetor P, necessidade de afetividade; Vetor Sch, necessidades das forças do Eu; Vetor C, necessidade de Contato. Segundo a sua teoria os instintos não são fixos, rígidos, permanentes mas (1970, p. 30) tem capacidade de transformação pela influência social e manifestação cultural, resultando na Teoria da Escolha de Szondi, pelo livre arbítrio (Idem: 37).

⁶Campbell, Joseph (1997). As transformações do mito através do tempo. São Paulo: Cultrix.

⁷Durand, Gilbert (2002). As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: M. Fontes, p. 383

⁸Ferreira-Santos, Marcos (1998). Práticas crepusculares: mytho, ciência & Educação no Instituto Butantan – um estudo de caso em Antropologia Filosófica. FEUSP, Tese de Doutorado, 1998.

⁹Sousa Santos, Boaventura. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010.

¹⁰Basadre, Jorge (1987).Perú: Problema y Posibilidad. Lima: Librería Studium Ediciones, p.226.

¹¹Jung, Carl (1987). O homem e seus símbolos. Rio: Nova Fronteira.

e de possibilidades e criam-se novas alternativas; enquanto nova psicologia, a utopia recusa a subjetividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas.

2. O FEMININO RESENTIDO

Em ambos países vemos levantarem-se alguns véus ilusórios de histórias falsificadas pela cultura patriarcal e desfazerem-se imagens de mulheres cristalizadas em modelos que se acreditava serem “por natureza” da condição feminina. É o caso das palavras de Jorge Basadre,¹⁰ intelectual, historiador e por duas vezes ministro da educação no Perú, durante a década de cinquenta do século XX, cujas conseqüências se fazem sentir na atualidade. Dizia ele que o papel essencial da mulher era o amor e que o do homem era o trabalho. Por esse motivo, o homem seria um transeunte no ato sexual, na mulher perdurando até o parto e o aleitamento. Também por esse motivo, os meninos “preferem” brincar com soldados, símbolo da luta, do esforço e desejo de supremacia, enquanto as meninas “preferem” brincar com bonecas, precocemente maternas.

Novos significados são atualmente negociados para o *feminino* e a mulher participa do debate, querendo ou não. Penso que o problema está na falta da interpretação mito-hermenêutica, a reflexão profunda em sua complexidade, o processo de interpretar o que as próprias vozes dizem. As escolas dos países aqui em estudo, na sua estratégia comunicativa de formas diferentes, conteúdos diferentes, difundido imagens fortemente racionalistas, machistas e ao mesmo tempo interessadas no ênfase competitivo, tecnológico, consumista, com esquemas verbais fechados e a percepção julgando um retrato de feminilidade construído por homens, para homens, enfrenta agora propostas no sentido do re-encontro, re-união com o mito *hermesiano*, ou seja, com a idéia de que todos nascemos com ambas energias às quais convencionou-se chamar *feminina* e *masculina*.

Jung¹¹ já havia advertido que conhecer e dominar o *animus*, ou a energia “masculina” ou seja, a força, ação, conquista, aventura, curiosidade ativa no inconsciente da mulher, seus aspectos positivos e nega-

tivos, seria o recurso que lhe permitiria escolher um destino melhor, mais forte, ativo, empreendedor, e ao mesmo tempo amoroso, respeitoso, tranquilo porque satisfeito com o uso equilibrado das suas energias.

Mesmo Freud havia encontrado dificuldade em definir o que seria *masculinidade e feminilidade* por “natureza”. Ele acreditava que o masoquismo seria autenticamente feminino, e que quando ocorria em homens, seria por motivo da integração de rasgos femininos no homem, o psicanalista também atribuía às mulheres a infantilidade, o narcisismo e a não-identidade. Na verdade, como explica Kehl¹² a cultura ocidental dos séculos XVIII, XIX e começo do XX, é que interditou às mulheres outras possibilidades de identificação, deixando-lhes apenas dois destinos possíveis: ser mãe e realizar-se pelas relações amorosas começando pelo próprio pai, caracterizando a sua personalidade “feminina”, dedicada a amar e servir pai, marido e filhos.

Como sabemos que o sujeito é sempre um ser de linguagem, num contexto histórico em certo sistema simbólico cultural, esse é o motivo da importância de reconhecer que a maioria de mulheres viveu por imposição ou escolha, a ausência da criação de perspectivas de superação, longos períodos da vida privada dedicados a servir os outros, atender a expectativas da sociedade, da igreja, do Estado ou, “masculinizar-se” em nome da defesa dos seus desejos, mesmo que não os realizasse.

A maioria das mulheres que se dedicou à vida pedagógica viveu longa ausência do reconhecimento e da demanda profissional para suas múltiplas capacidades, inclusive pela determinação do que se entendia ser “trabalho de homem-professor” e “trabalho de mulher-professora”. No Perú, até a uma década atrás, as professoras eram limitadas somente ao ensino nos cursos iniciais, básicos, subalternas ao diretor-homem, sendo apenas eles autorizados a participar em cursos de atualização profissional, cargos de direção, decisões, viagens, escolhas de como usar a força da voz, a manipulação da linguagem, sua e dos demais¹³, problema que no Brasil já se discute há algumas décadas; o que não quer dizer que esteja resolvido (como se verá na análise das falas das professoras), mas que pela conscientização, oferece melhores possibilidades

¹²(2008). Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro: Imago, 211.

¹³ Sanches, Janina 2010. *Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú*, p. 50.

¹⁴ Kehl, Maria Rita (2007). São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 206.

¹⁵ Sanches, Janina (2010). Contact and resentment are challenges to education enhancement. In: Altenweger & Others (2010). Szondiana. Zeitschrift für Schicksalsanalyse und Beiträge zur Tiefenpsychologie. Zurich: Versus Verlag, p. 212.

¹⁶ No Brasil criou-se a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: www.presidencia.gov.br/spmulheres, e no Perú o *Ministério de la Mujer*, responsável também pelo Conselho Nacional da Pessoa com Discapacidade; pelo Desenvolvimento dos Povos Andinos, Amazônicos e Afro-Peruanos; pela Assistência Alimentaria Nacional e pelo Desenvolvimento Social: www.mimdes.gob.pe.

de escolha e responsabilidade pelas conseqüências.

O rigor fundamentalista da religião católica, ainda imperioso em ambos países, mantém e atualiza antigas tradições, com mais força no caso peruano. Refiro-me à separação por gênero em escolas e faculdades mantida à atualidade, comportamentos impregnados de pré-conceitos, pré-juízos, controles de distanciamento do *anima*-homem / *animus*-mulher, entrando em choque com os conteúdos da comunicação globalizada televisiva, virtual, impressa e interpessoal da vida cotidiana.

No âmbito educativo, por meio desta pesquisa, encontrei vozes de mulheres ressentidas, prisioneiras da memória, debatendo-se com fatos do passado trazidos na mesma intensidade vivida para o contexto da realidade presente, como se nada houvesse mudado, frente às imposições de novos interesses sócio-econômicos e do Estado quando articulados à educação.

Diante de uma fragilidade pessoal típica deste processo de transição remanescente da modernidade, o ressentimento manifestando a insatisfação de grupos para quem promessas quanto aos direitos humanos não foram cumpridas¹⁴ um dos problemas que afeta as mulheres-professoras é a perda da coragem de lutar. Atitudes ressentidas em sua passividade queixosa, sem projetos pessoais e não envolvidas em projetos coletivos, tornam frequente o sentimento de sujeito impotente como agente de transformação política e nas suas repetidas tentativas de superação, apresentam pseudo-soluções para os problemas do seu contexto, em especial no Perú.

No Brasil, a força econômica da indústria-mídia-publicidade-internet é determinante na invenção e preservação do estereótipo da mulher precocemente sexualizada, a serviço do gozo masculino, convencendo-a de serem essas as suas reduzidas “qualidades” femininas¹⁵ e o mesmo ocorre no Perú. A diferença está na ação mais antiga da universidade brasileira em núcleos de pesquisa e grupos de estudo em nível de pós-graduação atuantes desde a década de setenta neste campo de reflexão, mas que ainda deixam margem à pergunta: a mulher sabe o que quer o *feminino*?

O objetivo agora¹⁶ é a construção de uma mulher-cidadã do ponto de vista intelectual, físico, moral e nesse ideal (não esquecendo que ideologias contém jo-

gos de poder), é importante observar em que medida é atingida a mulher-professora, como a “consciência externa” é fornecida pelos movimentos atuais em defesa da mulher e de que maneira ela reage, compreende uma consciência mais sadia, equilibrada, para si mesma e em consequência para os demais.

Sendo social a linguagem e sendo a voz da professora pela qual se aprende nas instituições de educação, sobre novos sistemas de idéias organizadas, classificadas como “em defesa da mulher”, chegamos ao tempo contemporâneo dando-nos conta da necessidade de confiar na percepção, na capacidade de discernimento, na distinção entre idéias que se fixaram nas palavras e nos fatos que se mostram, a fim de melhor escolher ações. Como dizia Merleau-Ponty¹⁷ “Num certo sentido, tudo é percepção, posto que não há uma só de nossas idéias ou reflexões que não traga a sua marca, da qual a realidade objetiva esgota a realidade formal e que se torna forma do tempo”.

No Brasil e no Perú, sendo atualmente obrigadas pelas políticas públicas a uma ação pedagógica mais criativa, ativa. Exercer-se no melhor modelo social-cidadão, a fim de não sucumbir aos desafios frente ao alunado cada vez mais informado, inquieto, insatisfeito, espera-se que a mulher-professora integre-se, re-encontre forças dentro de si mesma. Caso contrário, a educação continuará a serviço do arbítrio de interesses que fragmentam e esfacelam incoerentemente vínculos pessoais, sociais e familiares.

No caso da sociedade educativa peruana, preocupa o fato de profissionais da educação em nível de pós-graduação não realizarem pesquisa científica do tipo qualitativa antropológica, havendo nas universidades públicas, total ausência de debates e reflexões teóricas, pois usa-se apenas a pesquisa quantitativa por modelos estatísticos e a pesquisa qualitativa desse mesmo modelo quantitativo. Como consequência, é cada vez mais difícil encontrar soluções para questões da subjetividade, as que de fato mobilizam a sociedade.

Desprovidas de elementos científicos para a crítica dialógica, a compreensão das limitações, a auto-crítica com respeito a suas funções, a linguagem fica prejudicada assim como a adoção de ações estratégicas conscientes que beneficiem projetos a longo prazo;

¹⁷Merleau-Ponty, Maurice (1990). *Primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, p.32)

¹⁸ FERREIRA-SANTOS, Marcos (2004). *Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi*. São Paulo: Zouk, p. 41

¹⁹ Todos os nomes de professoras aqui mencionados, são falsos, a fim de proteger a identidade das informantes.

²⁰ Morin, Edgar (2007). *Ciência com consciência*. Rio: Bertrand Brasil, 182.

²¹ SANCHES, Janina (2010). *Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú*. São Paulo, Tese de pós-doutorado, FE-USP.

²² Durand (2008). *Ciência do homem e tradição. O novo espírito antropológico*. São Paulo: Triom, p.265

estando a percepção de si mesmas, entregue à aprovação do outro, o homem, o chefe, o patrão, o diretor da escola, o coordenador da faculdade, o coordenador da pós-graduação (geralmente engenheiros).

Trata-se, pois, de refletir além do paradigma clássico, positivista, reducionista, simplificador, de base aristotélica e hermenêuticas redutivas¹⁸, buscando “um outro olhar”, com outros instrumentos, outra razão além da lógica excludente, dicotômica, humilhante para a mulher, fazendo-se necessária a experiência pedagógica de contingência radical, o diálogo silencioso da educação da sensibilidade, ampliando a própria sensibilidade.

Não é muito diferente desse quadro a resposta da professora brasileira Vânia¹⁹, que ensina há 23 anos, quando lhe perguntei quais mudanças ocorreram desde que era aluna e agora que é professora, em relação à mulher, ela respondeu: “A mulher-professora antes tinha um status muito maior, ela era o bom-partido que os homens queriam para se casar, acho que agora masculinizou-se, deixou de ser a professora, para ser a provedora do lar, muitas vezes sem um companheiro. Antes era um destaque, hoje está aí no mesmo patamar masculino lutando como todas as pessoas”.

Entendendo-se que uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre cada indivíduo para co-produzi-los enquanto sujeitos. É o que diz Morin²⁰, na sua ideia de organização *recursiva*: efeitos e produtos fazem parte da própria *causação* e produção, o problema sendo portanto como se resolve a auto-criação e a auto-organização.

No processo sócio-cultural, a mulher-professora comum que tendo tido de algum modo restringida a sua instrução, linguagem e cultura próprias, construiu-se como necessidade (falta) daquilo que a produziu, mas também sofre a *causação* das suas próprias escolhas. Acreditando não poder desfazer-se das amarras subjetivas que contribuiu para construir e que ela mesma preserva²¹.

Tendo sido desviada do equilíbrio do próprio ritmo, aquele cujo som interno algumas das professoras desconhece ou nunca pôs em ação, surge a mulher, confusamente, como “patológica”, pois a mitologia encoberta, transforma-se em psicopatologia²² Essa é

a vingança da deusa grega guerreira, Diana, Ártemis, como as Amazonas que com as suas reações imediatas defendiam o rio Amazonas dos invasores, pondo-se às margens das águas com suas flechas certeiras. Freud também acreditava ser justo educar as mulheres²³ desde que mantendo o ideal que a “natureza” lhes destinara, da doçura, do encanto, a beleza do corpo, a docilidade, sendo impensável para ele mesmo que a sua esposa Marta, fosse sua concorrente na profissão, ou mesmo a sua interlocutora.

As mudanças necessárias fazem parte de um processo que não é simples nem rápido, pois está impregnado de história, cultura e jogos de poder no qual, costumes deixam a interrogação entre o que seja “aceitação” e “escolha”. No Perú, é o caso do “*Tumbanquichu*” que significa “amar pela força ou amor com tombo”. Prática comum até o século passado, e ainda observada na atualidade, em regiões andinas pelos filhos de autoridades e senhorios da capital que considerando-se jovens, ricos, brancos, belos e no direito de “abordar moças do campo que pela sua ignorância, temor e submissão se entregam ao sedutor, considerando um privilégio ter sido a escolhida”²⁴

No trajeto antropológico, ao contrário da leitura única, linear, de causa-efeito, busquei a crítica dialógica, o movimento de unificação em luta, a dinâmica das forças dispersivas que impulsionam o sujeito através da vida consciente, dos sonhos ou crises e a realidade das forças de resistência. Cito a professora brasileira Denise, para quem a mulher é vista como objeto, uma coisa para fazer sexo. Segundo ela, algumas peças publicitárias como a de cerveja contribuem para a manutenção dessa imagem e colaboram muito para educar nesse sentido, investindo contra mudanças no processo identificatório da mulher; questões estas que precisam ser vivenciadas, compreendidas como parte da dinâmica do processo cultural, sendo no panorama geral uma resistência masculina às mudanças.

²³ Kehl, Maria Rita (2008). Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro: Imago, p. 208.

²⁴(Bendezu, Neyra Roger (2004). Tumbankichu (amor con tumbada). Ica: Arco Iris, p. 3.

²⁵ Durand, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²⁶ Ferreira-Santos, Marcos (1998). Práticas crepusculares: mytho, ciência e Educação no Instituto Butantan – um estudo de caso em antropologia filosófica, FEUSP, tese de doutoramento, p. 153, o autor abre mão da metodologia de Durand para a análise das culturas, ao deslocar do regime noturno para o regime *crepuscular* e acrescentar alguns dados míticos que julga pertinentes ao trabalho clássico de Durand. Ele justifica a sua atitude dizendo que: “é a estrutura dramática que proporciona o deslizamento de um regime para o outro nos momentos de saturação do regime predominante (diurno ou noturno)”. Sendo a estrutura dramática que proporciona a harmonização dos contrários e mantendo as suas tensões e deslindando os elementos sob o fio da narrativa”.

²⁷ Jung (1987: 64) na concepção do autor sobre arquétipos, como imagens primordiais, estes formam a busca do equilíbrio entre *animus* e *anima*; o arquétipo *animus* constituindo-se como o lado masculino da psique da mulher e o *anima* o lado feminino na psique do homem. Nesta pesquisa, reconhecendo a influência da cultura sobre a formação de conceitos, consideramos que ambos sexos possuem os aspectos *animus* e *anima*.

²⁸ Ferreira-Santos, 2003. O crepúsculo do mito: mitohermenêutica @

3. ANÁLISE MITOHERMENÊUTICA DO DISCURSO DE PROFESSORAS PERUANAS E BRASILEIRAS

O Quadro I abaixo, demonstra que nenhuma das professoras peruanas disse conhecer as brasileiras e ocorrendo o mesmo com as brasileiras sobre as peruanas. Por intuição, disseram o que acreditam ser a outra. No caso peruano, prevaleceu a idéia das brasileiras serem livres e independentes, e no caso brasileiro, a idéia das peruanas serem guerreiras, batalhadoras.

Logo à direita do nome, as letras maiúsculas indicam a classificação do total do discurso da professora dentro da análise das culturas proposta por Durand²⁵ (D) Regime DIURNO (N) ou estrutura mítica de sensibilidade heroica (competir, vencer a qualquer custo), Regime NOTURNO ou estrutura mítica de sensibilidade dramática e mística (engolir, resistir) e o Regime CREPUSCULAR (C), proposto por Ferreira Santos em sua tese de doutoramento²⁶, a busca do equilíbrio entre as forças, trata-se de buscar compreender as mediações simbólicas, valorizando o repertório cultural do Outro(a) com práticas dialógicas e a profundidade da busca pessoal sendo coerente entre prática e discurso, em culturas diferentes.

No eixo teórico-metodológico das ideias aqui discutidas encontra-se, correlato a essas *práticas crepusculares* o processo de *individuação*²⁷, sendo portanto aquelas que marginalmente se constituem em ações pedagógicas, destoando do quadro instituído e institucionalizado, pelo fato de procurar desenvolver uma iniciação à cultura, independentes do vínculo ideológico inserido nas práticas pedagógicas²⁸

antropologia da educação em Euskal Herria e Ameríndia. FEUSP, Tese de Livre docência, p.55

QUADRO I

PERÚ QUEM CONHECE QUEM, E O QUE ACHA BRASIL

1. Lucero D	Nao conhece Br. Livres (?)	1. Vânia D	Nao conhece Pe.
2. Rosa D	Nao conhece Br. Parecem decididas, valentes (?)	2. Adriana D	Nao conhece. Parecem ser tradicionais, trabalhadoras.
3. Gaby D	Nao conhece Br. Parecem superar-se pela educação (?)	3. Patricia N	Nao conhece Pe.
4. Berenice D	Nao conhece Br. Seriam Independentes(?)	4. Karla N	Nao se relaciona, conhece. Dificuldades na comunicação.
5. Margot N	Nao conhece Br. Parecem livres, independentes(?)	5. Priscila N	Nao conhece Pe.
6. Lucila N	Nao conhece.	6. Karina N	Nao conhece. Trabalhadoras?
7. Angie N	Nao conhece	7. Beatriz N	Nao Conhece Pe, sofridas e lutadoras (?)
8. Renata N	Nao conhece. Parecem ser Decididas, independentes (?)	8. Silvia C	Nao conhece Pe Parecem ser fortes, guerreiras (?)
9. Monica C	Nao conhece. Parecem ser acolhedoras, alegres.	9. Denise C	Nao conhece. Parecem ser ligadas a tradições (?)
10. Lina C	Nao conhece.	10. Viviane C	Nao conhece. Parecem ser trabalhadoras a troco de quase nada

No Quadro 2 a seguir, “Como a cultura vê a mulher” observa-se que no caso peruano prevaleceu a idéia de lutadora, professora-mãe, ressentimentos frente ao problema do machismo e “ajudar os filhos como se possa”, demonstrando que a mulher-professora não desenvolve estratégias, projetos a longo prazo, mas está sempre reagindo ao que se apresenta no imediato, táticas para o agora. No caso das brasileiras, é quase unânime a idéia de que a mulher é objeto sexual, inferiorizada a serviço do homem, mantendo-o culpado por essa imagem que ela vive em seu ressentimento, como se não houvesse outra para viver. Na fala das peruanas, Lucero, sintetiza a força determinante do preconceito social. Ela conta durante a entrevista, que uma colega candidatou-se a cargo administrativo elevado na sua escola, foi aprovada em todas as etapas porém, tendo-se constatado ser pessoa de origem humilde, foi admitida em função de assistente ao mesmo cargo postulado. Sentindo-se humilhada, a amiga preferiu postular e obter bolsa-mestrado em Londres e foi morar lá. Na Instituição educativa particular, diz Lucero, “ganha-se bem porém não se para de trabalhar nunca”. No Brasil observa-se situação semelhante, a professora Viviane disse estar processando a escola particular onde trabalhou, pelo mesmo motivo e acrescido da obrigação de vestir-se, pentear-se e manter as unhas pintadas pelo modelo da Instituição. Alega que além

de nunca reunir-se com os pais de seus alunos por terem sido estes instruídos a falar apenas com a Coordenadora, esta apenas tratava dos aspectos bons dos filhos dos pais-clientes, nunca revelando problemas dos filhos que os professores haviam reportado em seus relatórios.

QUADRO 2:

PERÚ	Como a cultura vê a mulher	BRASIL
1.Lucero D	Lutadora , trabalhadora, se é pobre há discriminação na l.	1.Vânia D P/alguns mulher é acessório, coisa , outros dão valor.
2.Rosa D	Machismo põe Mulher em 2o. plano. Lutadora, profes.-mãe	2.Adriana D Como coisa , o que vale é a aparência.
3.Gaby D	Positiva c/ força de superação Lutadora, professora-mãe	3.Patricia N O que vale é a imagem .
4.BerenceD	Homens põe Mulher em 2o. Mas é lutadora, profes.-mãe	4.Karla N Como vulgar .
5.Margot N	Lutadora. Trata de sair como seja ajudando os filhos	5.Priscila N É inferiorizada , sua importância é minimizada.
6.Lucila N	Com desigualdade, a família cobra a presença dela	6.Karina N Objeto sexual por uns, trabalhadora por outros.
7.Angie N	Lutadora, professora-mãe	7. Beatriz N Dona de casa, amante, serve
8.Renata N	Agora ela se dá valor, + Machismo pressiona Prof-mãe	8.Silvia C Objeto sexual .
9.Monica C	Atualmente como iguais aos homens	9. Denise C Objeto sexual na visão machista.
10 Lina C	Lutadora , batalhadora, ajuda os filhos como pode.	10.Viviane C Injustamente p/q.ela é que sustenta o lar

No quadro 3: “Cite uma mulher importante”, observa-se o discurso das professoras peruanas idealizando figuras do passado, mantendo vivas heroínas que participaram na guerra apoiando o marido ou também desenvolvendo ações de resistência. No caso das professoras brasileiras elas idealizam a figura da mulher católica, uma heroína internacional que acabava de falecer. Mas é importante ver que também surgem mulheres intelectuais, escritoras como a Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Anna Rocco. Nos discursos de ressentimento, a brasileira Viviane refere-se a Elsa Maria Oliveira, destacando ter sido ela a esposa e educadora que iniciou Paulo Freire na educação, tendo resultado ser ele o que ficou famoso. Perguntando a uma das professoras peruanas sobre como a cultura vê a mulher, ela respondeu: “Tem-se criado espaços para dizer que homens e mulheres são iguais, mas é interessante isso, porque os homens vão dizendo “vão avançando, vão avançando...você chegam lá!” Ou seja, ainda não estamos de igual a igual”. Quando lhe perguntei em que sentido ocorre essa desigualdade, ela disse que: “Sempre tem a questão

de dizer que a mulher é mãe de família, que ela não vai poder participar de tudo, que vai ter impedimentos por causa disto ou daquilo, as mulheres não são chamadas para as conversas sérias e se participam, o que dizem é diminuído”.

QUADRO 3:

PERÚ	MULHER IMPORTANTE	BRASIL
1.Lucero D	Tina Malpartida, luta box	1.Vânia D Minha mãe
2.Rosa D	Prefeita que não aceitou e enfrentou difamador	2.Adriana D Zilda Arns líder internacional católica
3.Gaby D	Chabuca Granda	3.Patricia N Zilda Arns, líder internacional católica
4.Berenice D	Heroínas da guerra	4.Karla N Martha Suplicy, política
5.Margot N	Maria Prado de Bellido Heroína da guerra	5.Priscila N Lygia Fagundes Telles Escritora
6. Lucila N	Marta Hildebrandt, congressista desbocada.	6.Karina N Zilda Arns, líder internacional católica
7. Angie N	Maria Prado de Bellido Heroína da guerra	7. Beatriz N Zilda Arns, líder internacional católica.
8. Renata N	Antonia Moreno de Cáceres Heroína da guerra	8.Silvia C Ana Rocco, professora de arte, inovadora nas Bienais
9.Monica C	Beatriz Cisneros, professora	9. Denise C Clarice Lispector Escritora, poetisa
10 Lina C	Antonia Moreno de Cáceres Heroína da guerra	10.Viviane C Elsa Maria Oliveira, 1a. esposa de Paulo Freire.

O Quadro 4 abaixo, revela as professoras peruanas como professoras-mães que acreditam na eficiência desse papel. Em sua obra *Professora sim, tia não*, Paulo Freire discutia a problemática da situação que envolve suposta familiaridade e pode encobrir faltas morais com a realidade profissional, como cumprir horários, conteúdos, avaliar procedimentos e resultados seus e dos alunos. Quando entrevistei a professora peruana Margot, ela acabava de dar a aula e seus alunos já haviam saído. Sentei-me ao seu lado enquanto ela preenchia um formulário e observei que uma criança de aproximadamente seis anos de idade estava sozinha varrendo a sala. Afastava cadeiras e mesas até que algo lhe chamou a atenção. Retirou o objeto com a ponta da vassoura e em silêncio, levou-o até a professora ao meu lado que o recebeu dizendo: “Alguém esqueceu. Depois eu vejo de quem é.”. Voltou-se para mim e disse: “Esta criança não fala, ela não tem problema nas cordas vocais, mas recusa-se a falar”. No caso brasileiro, observa-se super-valorização da mulher por idéias culturais tratadas como próprias do ser humano mulher, como se o homem não pudesse também desenvolver a afe-

tividade; Karla é exemplo quando diz que “mulher já nasce com o dom da maternidade” e Priscila diz que ensina idiomas, acha que essa atividade é feminina, e quando algum homem se dedica a ela, “com certeza é homossexual”.

QUADRO 4:

PERU	Ser mulher, influi na ação pedagógica?		BRASIL
1. Lucero D	-	Sim. Meninas pensam mais	1. Vânia D No começo era mais difícil, havia um gracejo ou outro...
2. Rosa D	Sim,	a maioria não confia nos pais, em mim sim	2. Adriana D Sim. Mulher é mais sensível e os alunos se aproximam mais
3. Gaby D	Sim,	pelo aspecto maternal	3. Patrícia N Não. Crianças respondem de uma forma ao FE e de outra ao MAS
4. Berenice D	Sim,	pela confiança adquirida	4. Karla N Sim. Mulher nasce com o dom da maternidade.
5. Margot N	Sim,	pelo aspecto maternal	5. Priscila N Sim. Ensinar línguas é FEMENINO se for homem, ele é Homossexual.
6. Lucila N	Não,	mas tem coisas q. só os homens são chamados.	6. Karina N Sim, mulher tem cultura do cuidado.
7. Angie N	Sim,	pelo aspecto maternal	7. Beatriz N Sim, pelo aspecto maternal
8. Renata N	Sim,	pelo aspecto maternal.	8. Silvia C Sim, mulher tem a afetividade sensibilidade mais aguçada
9. Monica C	Sim,	pelo aspecto maternal.	9. Denise C É mais pelo jeito da mulher
10. Lina C	Sim,	pelo aspecto maternal	10. Viviane C Isso é coisa cultural

O quadro 5 a seguir, reafirma a ontologia atribuída à construção cultural do que se entende ser **Mulher** e **Homem**. Na preservação da mente machista, o ressentimento e resistência das mulheres a mudanças é percebido no discurso da peruana Lucila, ela diz que : “Os homens dizem “vão avançando, vão avançando”... ou seja, ainda não chegamos lá”. Sobre a mulher peruana: “algumas ousam, mas a sociedade pressiona, logo pergunta: “e o seu lar, como está? E a família?” E conclui: “Torço para que logo sejamos iguais em tudo...”. No discurso do ressentimento a proposta de que fortes e fracos sejam categorias ontológicas, separadas e definitivas, confunde o compromisso com os atos, escolhas, responsabilidades e conseqüências, mantendo a ingenuidade, a passividade queixosa, frustrada e impotente como agente de transformação política e prejudicando a qualidade dos relacionamentos interpessoais.

QUADRO 5:**PERÚ Qual a diferença entre homens e mulheres? BRASIL**

1. Lucero D	H não pensam nas consequên. do que falam M sim.	1. Vânia D	Professora era bom partido agora masculinizou-se
2. Rosa D	H poe as M. em 2o. Plano, M. são sofridas, lutadoras.	2. Adriana D	Mulheres são mais sensíveis que H
3. Gaby D	H são reservados, competitivos M tem força de superação	3. Patricia N	H são + objetivos, mulheres + sentimentais.
4. Berenice D	H são machistas, M agora tem mais visibilidade	4. Karla N	H são insensíveis M se colocam no lugar do outro.
5. Margot N	H são machistas. M são lutadoras	5. Priscila N	M tem visão + ampla do mundo, menos acomodadas
6. Lucila N	H dizem o que a M deve ser Família pressiona a M.	6. Karina N	Mulheres são + sentimentais
7. Angie N	H são machistas M são mais responsáveis	7. Beatriz N	Mulheres são sensíveis, Homens são calculistas.
8. Renata N	H são machistas M agora se dão valor	8. Silvia C	Mulheres são estagnadas, nada agressivas
9. Monica C	M são mais afetivas que H.	9. Denise C	H são+racionais M + sensíveis
10 Lina C	São iguais, só muda o sexo.	10. Viviane C	Mulher é interdiciplinar, homem é trabalho.

²⁹ Szondi Lipot. Tratado del diagnóstico experimental de los instintos. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1970.

QUADRO 6**RELAÇÃO COMPARATIVA**

PAÍS	REGIME DIURNO	REGIME NOTURNO	REGIME CREPUSCULAR
Perú 4		52	
Brasil	25		3

Regime Noturno: Peruanas:5 e Brasileiras: 5 são igualmente resistentes a mudanças

Regime Diurno: Peruanas: 4 maior rigidez, fechadas, severidade, pragmatismo.

Regime Crepuscular: Entre as brasileiras: maior disposição à *iniciação crepuscular*, a percepção de complexidades.

4. CONTRIBUIÇÃO DAS TEORIAS E TESTE SZONDI:

Tomei a liberdade de aproximar teorias e teste de Szondi²⁹ à antropologia filosófica de Gilbert Durand na metodologia da análise de culturas e pesquisa cultural, pela maneira como a teoria Szondiana explica algumas ações com base na dinâmica das pulsões. Segundo Szondi, quanto à *necessidade de contato*, o ser humano tem sempre a *necessidade* de buscar um objeto que substitua o peito materno e a ele agarrar-se, aderir-se, pela necessidade do instinto de Contato. Esse instinto relaciona-se com a participação na vida coletiva, o sentimento de êxito ou fracasso, felicidade

³⁰ Sanches, Janina. Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú. FEUSP, Tese de pós-doutoramento, 2010.

³¹ Szondi, L. Idem, p. 29.

³² Contribuição da psicanalista Clara Juarez Pereira.

ou desgraça, “dar sorte” ou perder um objeto, sendo fonte de estados de ânimo e importante para a vida em grupo, como ocorre na educação³⁰.

Tomando os perfis instintivos como *necessidades*, e ao afirmar que estes não são fatores psíquicos rígidos, nem estáveis, Szondi deu espaço à idéia de um destino livre, que o ser humano escolhe devido ao seu desejo de liberdade. A escolha se manifesta no uso harmonioso que a pessoa faz de suas possibilidades e no mecanismo de auto-restrições. O ser humano quebra a condição de perfeição dos instintos dos animais inferiores, que sempre se repetem da maneira que são herdados e não tem consciência de proposta, objetivo e finalidade. Diferentemente do ser humano que deve recorrer à razão, aos valores éticos, questionar e decidir³¹.

Sendo as raízes genéticas condicionadoras e conservadoras da existência humana, essas energias manifestam-se nas necessidades e tendências. 1. Vetor (raiz) S, instinto sexual (**necessidade de corporalidade**) 2. Vetor P, instinto paroxismal/surpresa (**necessidade de afetividade**), Vetor Sch, instinto das foças do eu (**necessidade de intelectualidade**) 4. Vetor C, instinto de contato/participação (**necessidade de contato/segurança**).

O resultado deste estudo mostrou³² grupos com severo problema no instinto de Contato, demonstrando viver sem idealização, submissos, depressivos, aprensivos. Apresentando o mesmo perfil do trabalhador braçal, que sob baixa estimulação recorre à doença como meio legítimo de abster-se da árdua rotina. No quadro encontrado, o sujeito procura esconder-se, reprimir-se, projetar a raiva, as inúmeras frustrações e mais especificamente o sentimento de impotência nas vias mais comuns; o corpo gerando doenças, atividades coletivas, religiões, política, principalmente as drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os elementos analisados demonstraram que os universos educativos estudados desconhecem um ao outro, num espaço, o âmbito educativo, onde a aproximação é altamente indicada como benéfica pela possibilidade de compreender-se ao tratar de com-

preender o estrangeiro. A pesquisa reconhece que há toda uma situação contemporânea para a percepção de si mesmas em novos relacionamentos, a exploração de mundos desconhecidos e a possibilidade de criação de projetos educativos, sociais, científicos e tecnológicos conjuntos, com possibilidades de êxito, pois as professoras peruanas referiram-se às brasileiras como livres e independentes e as brasileiras às peruanas como trabalhadoras, guerreiras. Em sua relação dialógica, a liberdade percebe a disposição à responsabilidade, a independência a disposição à vida coletiva; o trabalho percebe a disposição à dignidade. Como o guerrear percebe a disposição ao uso da força, vencer a qualquer custo, a competitividade, neste último aspecto é preciso cuidado, recomendando-se projetos estratégicos, planos a longo prazo, a colaboração ética, confiança e fraternidade.

À medida que o estudo mitohermenêutico configurou estilos pedagógicos através da linguagem das professoras, e que a fenomenologia em sua dinâmica mostrou-me as idéias nas mentes e nas formas simbólicas, constatei a necessidade de profunda reflexão. Desvendadas as histórias de vida, reveladas as professoras a viver problemática integração *animus/feminino* mantendo a submissão, depressão, apreensão, ansiedades, devido a rotinas perversas, surge a questão da consciência que leva à responsabilidade da escolha frente à tendência a esconder-se, reprimindo ressentimento e projetando raiva, frustrações e o sentimento de impotência.

Com base nestes resultados e partindo do reconhecimento das energias que se convencionou chamar de *feminina* (como sendo própria da mulher débil, narcisista, masoquista, passiva) e outra que se convencionou chamar *masculina* (como sendo do homem forte, ativo, sádico, objetivo, empreendedor); sabendo que ambas existem em todos os seres humanos, surge mais uma vez a questão da decisão de escolher livre e conscientemente as energias a usar e, dessa forma, buscando o equilíbrio, determinando melhor vida produtiva, agradáveis relações interpessoais e um destino satisfatório para a vida coletiva.

Referências

BASADRE, Jorge. *Perú: problema y posibilidad*. Lima: Librería Studium Ediciones, 1987.

BENDEZU Neyra, Roger Albino. *Tumbankichu (Amor con tumbada)*. Ica: Arco Iris, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Práticas Crepusculares: mytho, ciência e educação no Instituto Butantan—um estudo de caso em Antropologia Filosófica*. FEUSP:Tese Doutoral, 1998.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SANCHES, Janina. *Currículo intercultural: a arte como sistema simbólico cultural na escola de branco*. São Paulo: PUC, tese de doutorado, 2006.

SZONDI, Lipot. *Tratado del diagnostico experimental de los instintos*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1970.

Texto enviado em 14/06/2010. Aprovado em 12/05/2011.